

Eu não quero que o ódio seja o melhor de mim: lutar contra os microfascismos e afirmar a diferença que está no mundo.

Débora Inez Brandão; Larissa Rodrigues; Lais Amado; Alessandra Fernandes; Juliana Cecchetti; Mauro Andrade Silva; Tainá Oliveira; Danichi Hausen Mizoguchi

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

Entrevista com Cecília Maria Bouças Coimbra

A conversa foi algo que parecia já acontecer antes mesmo do dia em que de fato nos sentamos em roda na sala do apartamento de Cecília Coimbra para realizar esta entrevista. Em meio às angústias cotidianas, dos percalços da Psicologia e dos dias em que somos atropelados pelas heranças da história e pelas brechas do contemporâneo, todos já havíamos sido de algum modo afetados pela força de Cecília Coimbra. E é porque sentimos urgir a necessidade constante de tomada de posição em nossas práticas e estudos enquanto experienciamos compulsoriamente a invasão do que nos é endereçado é que decidimos dirigir-lhe algumas perguntas. Em meio o fervor político dos dias, envoltos por quadros e flores, a sala colorida de Cecília foi morada para o que vem.

Boa tarde, Cecília. Meu nome é Débora e queria explicar porque a gente escolheu você para fazer essa entrevista. Larissa e eu trabalhamos como monitoras na disciplina de Psicologia Social I. Danichi sempre faz um encerramento de monitoria através da escrita de algum artigo, mas dessa vez teve a ideia de te entrevistarmos. Porque na última semana de aula, a gente leu alguns trechos do texto em que testemunhava o que passou na Ditadura Militar¹. E foi bem chocante e muito importante para os alunos e para mim; devido a esse efeito surgiu no Danichi essa ideia de entrevistarmos você.

Depois, convidamos também o grupo da pós-graduação – Laís, Alessandra, Juliana, Mauro, Tainá – para pensarmos juntos a entrevista e as questões que gostaríamos de te fazer. A gente separou algumas perguntas, e as dividimos nesses três eixos: o primeiro eixo é sobre as conexões entre os direitos humanos, a ditadura escancarada de 64 e a atual ascensão do fascismo. O segundo é a respeito da relação

¹ Testemunho para as Comissões Estadual e Nacional da Verdade.

entre academia e militância, e o terceiro é de como se deu a sua migração epistemológica do marxismo para filosofia da diferença.

Cecília: Aí, pega a tese de doutorado da Alice², só que é invertido.

É verdade.

Queria falar algo antes de qualquer pergunta, porque possivelmente Danichi não falou disso. Mas quando estava escrevendo esse depoimento pra Comissão Nacional da Verdade e pra Comissão Estadual da Verdade, estava lendo junto a tese de doutorado de Danichi³ – a que acabei não podendo comparecer e mandei uma coisinha escrita. E foi fundamental ler a tese dele ao descrever aqueles horrores. A tese dele sobre amizade – até me emociono de falar – foi muito importante, embora não estivesse na banca. Ela me trouxe uma coisa muito leve, me mostrando como apesar daquele horror de tudo que a gente viveu, a coisa mais importante que fiz na vida foi trazer essas amizades até os dias de hoje – e acho que meu aniversário mostra muito isso, a velharia sempre está lá, as velhas comunistas sempre estão lá. Hoje a gente pensa muito diferente. Óbvio que não tem ninguém Bolsonaro, nem a favor do golpe, não tem nenhum fascista, mas enfim, tem antipetistas... Mas a solidariedade que a gente viveu naquele período – que tem a ver com a minha história, com o que vivi no partido comunista, o PCB – foi a vivência de uma solidariedade muito grande que traz uma manutenção de amizade independente do que você pense politicamente por ter vivido aqueles anos, não só antes do golpe, como posteriormente a ele. Então a tese de Danichi, que hoje é livro, foi muito importante para mim naquele momento. Era como se fosse um bálsamo, que ajudava a cobrir um pouco aquelas feridas. Não é cobrir no sentido de sarar porque essas feridas não saram, mas torná-las menos dolorosas. Por isso quero tornar público o meu agradecimento.

Obrigado, Cecília.

Obrigada a você.

² SOUZA, Alice de Marchi Pereira. *Modulações militantes por uma vida não fascista*. Doutorado em Psicologia Social - UERJ (2016).

Publicada em livro como: SOUZA, Alice de Marchi Pereira. *Modulações militantes por uma vida não fascista*. Porto Alegre: Editora Criação Humana, 2018.

³ MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRG, 2016.

Gostaríamos que nos contasse um pouco da sua relação com o campo dos direitos humanos.

Fui para esse campo há trinta e quatro anos atrás, quando a gente fundou o grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro. Quer dizer, já militava, não era assídua, mas participei do Comitê Brasileiro pela Anistia que se formou aqui no Brasil, no Rio de Janeiro, ainda em pleno período da ditadura, em 1977, que pregava uma anistia ampla, geral e irrestrita. Eram principalmente mães de pessoas que estavam presas, ou mães de mortos e desaparecidos, familiares em geral. A grande massa era de familiares e a maioria já morreu. Então comecei junto com o Comitê Brasileiro pela Anistia. Em 1979, quando veio a anistia, a que existiu na época e ganhou no Congresso foi a lei proposta pela ditadura: não foi nem ampla, nem geral, nem irrestrita. A lei da anistia é muito pequenininha e só tem um artigo e um parágrafo⁴: “Considerem-se anistiados todos aqueles que cometeram crimes conexos”. E a interpretação que se deu, que os juristas da ditadura deram, foi que crimes conexos seriam aquilo que os torturadores fizeram conosco, e que seria o mesmo que nós fizemos em relação ao governo ditatorial. Ou seja, se nós estávamos anistiados, eles estariam também. E aí posteriormente vários juristas, o Hélio Bicudo – que se tornou ao final da vida um conservador convicto – e o Fábio Konder Comparato mostraram juridicamente que ali não havia conexidade, que conexidade não é isso. Nós nunca aceitamos esse tipo de interpretação.

Os CBAS (Comitês Brasileiros pela Anistia) desaparecem gradativamente depois da Lei da Anistia. No início dos anos 80 os CBAS já não existiam mais. Fui militar no PT, e fui uma das fundadoras do PT aqui no Rio. Saí do PT durante o primeiro governo Lula por divergências internas. Enfim, em 1981 nós fundamos o PT aqui no Rio de Janeiro e passei a fazer minha militância política lá. Em 1985 começou a surgir no Rio de Janeiro um fato bem localizado: era a época do governo de Leonel Brizola, que inclusive tinha ganho as eleições em 1983, ainda em pleno período da ditadura. Eram dois governos ditos progressistas, PDT no Rio de Janeiro e PMDB com Franco Montoro em São Paulo. Recebemos informações de companheiros nossos ligados ao governo Brizola de que havia pessoas ligadas à repressão em postos-chave daquele governo. Ainda houve uma notícia no jornal que causou um alarde muito grande sobre um cara que estava sendo indicado para comandante do Corpo de Bombeiros e que tinha sido membro do aparato de repressão, o coronel Walter Jacarandá.

⁴ BRASIL. LEI Nº 6.683, DE 28 DE AGOSTO DE 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm>

Interessante como esqueço coisas de hoje, mas daquela época não esqueço. Esqueço nome de alunos hoje, como no outro dia “Como é seu nome mesmo?”, e era uma ex-orientanda minha. Gente, olha que loucura! Mas esses nomes a gente não esquece. Esse Walter Jacarandá estava sendo indicado pelo então secretário José Halfeld Filho, da Defesa Civil do Governo do Estado do Rio de Janeiro, no governo Brizola, para comandar o Corpo de Bombeiros.

E aí o Brandão Monteiro, que era secretário de Transportes e fundador do PDT, vem a público, procura alguns amigos e diz “vou denunciar, esse cara me torturou, o Walter Jacarandá fez parte da minha tortura”, e isso explode na imprensa. Em cima disso várias outras pessoas também começam a dar depoimentos e começamos a nos reunir no Sindicato dos Jornalistas e a receber informações de dentro do próprio governo, de companheiros nossos, de que tinham alguns torturadores em cargos de confiança, que não eram só os casos do Walter Jacarandá e do José Halfeld Filho. O José Halfeld Filho conheci, não sei nem se ele ainda está vivo, mas sei que posteriormente foi candidato a prefeito de Miracema pelo PSB. Denunciamos ao PSB, e o partido não fez nada, fez ouvido de mercador, mas ele não ganhou. Sei que esse José Halfeld Filho era muito poderoso, em termos de financiamento de campanha do Brizola. Era o elo de ligação entre o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e o DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operação de Defesa Interna).

Os DOI-CODIs surgem no final de 69, início de 70. E o que eram os DOI-CODIs? Eram a reunião, unificação de todos os serviços de repressão e informação sob a égide do exército. Em todas as regiões militares do Brasil se organizaram DOI-CODIs sob o comando do exército. Faziam parte Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Civil, Polícia Militar, Polícia Federal, Corpo de Bombeiros, DOPS, todo um aparato de informação e segurança. Foi feita uma experiência em São Paulo em 69 com a OBAN (Operação Bandeirantes) que deu muito bons resultados – bons resultados, bem, no sentido da repressão, de reprimir vários movimentos. Então eles decidiram criar esse esquema em todas as regiões militares do Brasil, e o tal José Halfeld fazia essa ligação entre o DOPS e o DOI-CODI aqui no Rio.

Havia o presídio São Judas Tadeu, de presas comuns, e fiquei lá nesse presídio, no andar térreo do prédio do DOPS. Ali ficávamos também as presas políticas (eu inclusive não gosto dessa divisão entre presas comuns e presas políticas, hoje eu questiono isso, isso acabou ficando marcado. Hoje eu defendo que todo e qualquer preso pelo Estado é preso político), e nós ficávamos isoladas com grossas grades. Um espaço muito pequeno, não

chegava nem a ser desse tamanho [Cecília aponta o espaço], para cinco, seis mulheres lá no DOPS. Fui presa por uma denúncia anônima ocorrida em agosto de 1970, em pleno governo Médici – que segundo os historiadores foi o governo que mais torturou durante toda a República – porque eles encontraram um documento na minha casa. Era um documento ligado ao sequestro do embaixador norte-americano⁵, e eu tinha dado apoio, acolhendo na minha casa os companheiros depois de terem feito o sequestro, já que eu tinha vida legal. Eu não era a favor da luta armada, mas não sabia por onde era, eu sabia “não é por aí”. Lembro muito de uma poesia que é linda, não vou saber dizer aqui, mas depois vocês podem procurar: Cântico Negro. É de um português, não me lembro o nome dele, mas diz assim “Me dizem que devo ir por aí, por aí não vou, não sei por onde vou, só sei que por aí não vou”, José Régio. Isso! José Régio, Cântico Negro⁶. É lindíssimo, lindíssimo! Sempre lembro da poesia do José Régio no sentido de dizer que não era a luta armada, mas por onde era eu não sabia. Porque realmente o regime não deixou outro espaço, outro caminho.

Então eles encontraram esse documento na minha casa e não tinha assinatura de nenhuma organização. Durante três dias fiquei no DOPS sendo interrogada, não havia agressão física, mas havia agressão psicológica (embora a gente não faça essa distinção entre tortura física e tortura psicológica, essa divisão que é feita não existe). Eles não conseguiam identificar que documento era, eu dizia “não sei, não sei, não sei”, Novaes e eu – meu marido na época – que foi preso junto dizíamos “não sei, não sei, não sei”. Quando chegamos ao DOI-CODI, o nível de sofisticação da repressão era tão grande que, em meia hora, eles conseguem identificar de onde era o documento: “Ah, é do grupo que sequestrou o embaixador norte americano, é do MR8, o Movimento Revolucionário 8 de outubro (8 de outubro foi o dia que Che Guevara foi assassinado na Bolívia) e da ALN, a Ação Libertadora Nacional (dirigida pelo Carlos Marighella)”. E, naquele agosto de 70, havia sido sequestrado o embaixador alemão⁷, tinham sido outras organizações, só que eles achavam que nós saberíamos alguma coisa. Mas nós não sabíamos nada sobre o sequestro do alemão, não tínhamos nenhuma informação, eram outras organizações com que nós não tínhamos contato.

⁵ Embaixador Charles Burke Elbrick.

⁶ Cântico Negro - José Régio, em “Poemas de Deus e do Diabo”, 4ª ed., Lisboa: Portugália, 1955, p. 108-110. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/cantico-negro-um-belissimo-poema-de-jose-regio-em-tres-tons/>

⁷ Ehrenfried von Holleben.

Mas digo isso tudo pra mostrar a sofisticação do que foi o DOPS, do que era o DOPS, que era apenas um apêndice e que fazia parte do DOI-CODI.

Posteriormente, ao final dos comitês brasileiros pela anistia, fiquei militando no PT. Em 1985, quando há essa notícia de que existem membros do aparato de repressão no governo dito popular do Leonel Brizola, nós começamos a nos reunir no Sindicato dos Jornalistas, inclusive com um advogado que nos ajudou imensamente naquele momento e não está mais vivo, o Modesto da Silveira. Ele era um advogado de presos políticos, que tinha sido sequestrado durante a ditadura, assim como outros advogados aliados aos presos políticos haviam sido sequestrados como forma de aterrorizá-los para que não pegassem casos dos “subversivos”. E nós começamos a discutir, ninguém tinha a intenção de formar nenhum movimento, mas a coisa foi se dando, e começamos a saber os nomes de alguns torturadores. Por exemplo, Riscalá Corbaje, Doutor Nagib, que era um tenente da PM e chefiava o setor que me prendeu na época, me torturou etc. Não sabíamos os nomes dessas pessoas, conseguimos por informações de companheiros nossos. Fomos aos poucos descobrindo os nomes de alguns desses torturadores, e começamos a fazer denúncias públicas. Havia uma Comissão que o Brizola formou antes das nossas denúncias, chamava-se Comissão dos Direitos Humanos, Cidadania e Segurança Pública, uma coisa assim, tinha tudo... segurança pública, cidadania, direitos humanos. Fizemos lá nossas denúncias. Ocupamos uma reunião nesta Comissão. Eu sei que o tal do José Halfeld Filho saiu de fininho e nunca mais compareceu às reuniões da comissão, que era de todo o pessoal do secretariado e tinha entidades, grupos, movimentos da sociedade civil. O Modesto da Silveira representava a ABI – Associação Brasileira de Imprensa. Aí discutimos, discutimos e entendemos que era importante formar um grupo. Nessa época estava acontecendo na Argentina uma Comissão da Verdade, que aqui só veio a ocorrer em 2013, ou 2012? Não, 2011. Essas datas mais recentes eu esqueço! Enfim, naquele momento, em 85, que era governo Alfonsín, primeiro governo civil da Argentina, havia a Comissão da verdade argentina que se chamava Nunca Más, Comissão Nunca Más. Ela era dirigida por um intelectual chamado Ernesto Sabato, um intelectual argentino. Então em função da comissão que estava funcionando na Argentina, nós demos o nome de Tortura Nunca Mais. Em abril de 85 – está fazendo 34 anos agora – nós começamos a nos reunir em cima das denúncias que estavam sendo feitas no Sindicato dos Jornalistas. E, a partir dali, não paramos mais.

Então acho que a minha ligação com os Direitos Humanos vem primeiro do CBA, depois do grupo Tortura Nunca Mais/RJ. Infelizmente sou a única fundadora ainda presente

do grupo, porque a maioria dos fundadores daquela época já morreu ou estão doentes, alguns muito doentes. Bem, nossa preocupação posteriormente foi tentar vincular aquilo que acontecia lá com o que continuava acontecendo aqui. Há um livro muito bonito organizado por Vladimir Safatle e Edson Teles, que se chama ‘O que resta da ditadura’⁸; são vários artigos mostrando essa herança que está aqui nos dias de hoje. Está no número altíssimo de desaparecidos, que era uma figura não muito utilizada, uma figura da Guerra da Argélia que o Brasil exportou para as ditaduras latino-americanas. O Brasil exportou no auge da tortura a figura do desaparecido, inclusive exportou torturadores. Sabemos que no golpe no Chile e na Argentina havia torturadores brasileiros, havia muitos brasileiros lá, havia torturadores inclusive ensinando técnicas de tortura. Existia um manual de tortura feito pelo exército, descobrimos depois esse manual de tortura onde eles ensinavam como fazer um interrogatório para que fosse eficiente etc. Resolvi, então, fazer um trabalho de pós-doutorado pegando a questão da pobreza com a criminalidade, como é que isso se acopla e se naturaliza: onde tá o pobre tá o perigoso, onde tá o negro tá o perigoso, onde tá o diferente tá o perigoso. O Brasil foi o primeiro a dar o golpe e exportou todo esse aparato, que está presente nos dias de hoje. Então o meu pós-doutorado foi muito no sentido de me instrumentalizar pra levar pro Tortura Nunca Mais/RJ essa questão. Porque havia uma coisa muito interessante, principalmente entre os familiares, onde inclusive se coloca muita essa separação “mas o meu filho tinha conotação política, esse aqui não, esse aqui a conotação não é política”. Vem muito dos familiares e vem também de todo movimento da América Latina, os países da América Latina que passaram por ditaduras e faziam essa distinção – e a maioria ainda faz. Tanto que as leis que depois vêm meio fajutas e capengas para reparação econômica etc, você tem que comprovar que a pessoa assassinada tinha militância política, se não comprovasse, não conseguia. Os familiares tinham isso “meu familiar não é bandido comum, eles são chamados de bandidos, mas não são”. Este foi um trabalho muito interessante no sentido de mostrar que o que aconteceu lá continua hoje acontecendo, e que sempre aconteceu desde que o Brasil foi descoberto. A tortura não foi inventada pela ditadura, a tortura existe desde que os colonizadores chegaram aqui. Acho que a Medalha Chico Mendes, que a gente faz há 31 anos, mostra bem isso porque homenageamos pessoas que morreram naquele período, familiares, pessoas que desapareceram, ex-presos e pessoas de hoje, e a maioria são pessoas de hoje. Houve debates interessantes: alguns queriam que a maioria fosse daquele período, aí

⁸ TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir Pinheiro (orgs.). *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

aos poucos fomos mudando isso, tanto que hoje a grande maioria dos homenageados são pessoas que estão sendo atingidas nos dias de hoje. Era uma coisa muito forte nos familiares, mas aos poucos fomos mostrando “essa pessoa está ameaçada de morte, ela precisa ter visibilidade”. Foi um cotidiano construído com muita dificuldade, mas acho que facilitou pelo fato de eu ter esse meu pós-doutorado, que se chama *Operação Rio: O Mito das Classes Perigosas*⁹, em que pego um acontecimento que ocorreu aqui no Rio de Janeiro em 94/95 pra mostrar que a ditadura continua quando o exército ocupa os lugares ditos perigosos e o número de desaparecidos cresce assustadoramente. E mais, hoje o número de desaparecidos a gente nem sabe, porque o grande responsável é o Estado. Não se tem o número de pessoas que são torturadas, que desaparecem, visto os agentes serem do Estado; não temos ideia do número, mas sabemos que é um número altíssimo.

Uma outra coisa muito forte são os chamados autos de resistência, e eles foram criados em 62, antes da ditadura. Existe um livro de um procurador, procurador não, desembargador, o Sérgio Verani. Até mexi com ele esses dias, “Sérgio, que bom que a gente tem um desembargador aqui, porque se a polícia chegar aqui só tem comunista, né?”. Ele falou, “Agora sou aposentado, agora sou um simples advogado”. O Sérgio Verani tem um livro chamado *Assassinatos em Nome da Lei*¹⁰ onde ele faz todo um histórico dos autos de resistência, onde ele vai mostrando que o primeiro auto de resistência que surge é em 62. E quem é que assina? O Mariel Mariscot, do Esquadrão da Morte aqui do Rio de Janeiro, e que fazia parte dos chamados “homens de ouro” do Esquadrão da Morte, e também o Sérgio Paranhos Fleury de São Paulo, que era do Esquadrão da Morte e depois se liga à repressão durante a ditadura. Então o primeiro auto de resistência é dos dois. Ou seja, o que é auto de resistência? Morreu ao reagir à prisão. Era um dos argumentos que a ditadura mais utilizou; “morreu ao reagir à prisão”. E é o que mais acontece hoje; a pessoa é presa, torturada e você vai simplesmente e registra aquela morte como sendo em função da reação à prisão. Mas, então, acho que os Direitos Humanos estão na minha vida desde 1977, desde quando eu participo, mesmo que esporadicamente, do CBA.

E como você entende a relação entre os direitos humanos e o capitalismo?

⁹ COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Operação Rio: o mito das classes perigosas*. Niterói/Rio de Janeiro: Intertexto/Oficina do Autor, 2001.

¹⁰ VERANI, Sérgio. *Assassinatos em nome da lei*. Rio de Janeiro: Aldebarã, 1996.

Essa é que é uma grande questão!

E mais, com o neoliberalismo há alguma mudança nesse campo?

Sabemos que muitos defensores dos Direitos Humanos, que militam na área dos Direitos Humanos, tratam como uma coisa naturalizada essa articulação entre Direitos Humanos e capitalismo. Acho que temos que historicizar isso o tempo inteiro: o que é direito e o que é humano? Direitos Humanos surge com a Revolução Francesa, com a burguesia, com o advento do capitalismo quando a burguesia assumiu o poder. Então, direitos humanos, era direito para quem? Quem é humano? Lívia, Lília e eu escrevemos dois artigos¹¹ colocando um pouco essa questão: o que é direito e o que é humano? É importante historicizar isso, porque as pessoas acabam militando de uma forma naturalizada, reificando Direitos Humanos. Deleuze já falava isso, o capitalismo produz a miséria e ao mesmo tempo os Direitos Humanos¹². Eles são produção do próprio capital. Temos que ficar alertas para pensar na gênese histórico-política desses conceitos que hoje se naturalizaram: cidadania, direitos, humanos. Uma coisa que temos que colocar em análise é isso. Acho que o Peter Pál Pelbart em alguns artigos, principalmente em *Vida Capital*¹³, fala muito bem sobre isso: em nome dos Direitos Humanos se mata, em nome de defender determinados direitos para determinados humanos se matam outros. Vou abrir um parênteses aqui. Lembro que quando estava presa, minha mãe demorou muito a fazer contato, somente dois meses depois que eu estava lá, porque no DOI-CODI não entrava advogado, não entrava nada, era tudo ao arpejo das leis vigentes. Então, minha mãe conseguiu fazer contato comigo dois meses depois e mandou uma foto do meu filho que tinha três anos, pois ele estava com sarampo e os torturadores me fizeram acreditar durante algum tempo que ele havia sido entregue ao

¹¹ COIMBRA, Cecília Maria Bouças; LOBO, Lilia Ferreira; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Por uma invenção ética para os Direitos Humanos. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 89-102, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 30 Mai 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652008000200007>

COIMBRA, Cecilia Maria Bouças, LOBO, Lilia Ferreira e NASCIMENTO, Maria Lívia Do. A invenção do humano como modo de assujeitamento.. In: MENDONÇA FILHO, M; NOBRE, M. T.. (Org.). *Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa..* 1ªed.Salvador/São Cristóvão: EDUFBA / EDUFS, 2009, v. , p. 31-42.

¹² DELEUZE, G.. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992: “Os direitos humanos não nos obrigam a abençoar as “alegrias” do capitalismo liberal do qual eles participam ativamente. Não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana”.

¹³ PELBART, P. (2003). *Vida capital: ensaios de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras

juizado de menores, já que eu vi meus irmãos sendo presos e me disseram que minha mãe estava presa também. Lembro que eles me entregaram a foto do meu filho, botei na parede e lembro que um soldadinho virou e falou assim “Mas, comunista tem filho?”, e ele não estava brincando não, era o treinamento que era dado a eles. É a desumanização do outro mesmo. “Comunista é puta”, era como eles nos recebiam. A primeira coisa que faziam era colocar a mulher nua, e diziam “Com quantos você trepou, sua vagabunda?”, quer dizer, é a forma de te desestabilizar enquanto mulher e enquanto mãe.

Essa é uma questão importante para ser pensada: direitos para quem é humano? Nós que passamos pela tortura, e eu falo muito isso, nós que passamos por essa experiência, que é uma experiência-limite, sabemos que hoje, nesse minuto, tem alguém sendo torturado aqui na cidade do Rio de Janeiro. Há pessoas que, por serem torturadas, são sempre responsabilizadas por sofrerem tais práticas. Há pouco tempo atrás, nas eleições, propositalmente coloquei um vídeo no Facebook que é um trecho do filme do Silvio Tendler¹⁴ onde falo. Aparece minha foto e a do José Ricardo, meu filho mais velho, e um bebê no colo – o Sérgio, meu filho que nasceu após a minha prisão – e eu contando como foi que eles me fizeram acreditar que José Ricardo havia sido entregue ao juizado etc. Incrível alguns comentários que eu li, “mas alguma coisa fez pra acontecer isso com você”, e isso foi agora. É como se algum ato seu justificasse a tortura, a prisão ilegal, o sequestro, porque o que eles faziam conosco era sequestro, éramos sequestrados de casa. Só assinei minha prisão preventiva depois de dois meses, quando eles permitiram que minha mãe fizesse contato. Eles podiam ter sumido comigo como sumiram com muitas pessoas, não tinha nada documentado de que estava presa. Isso é algo que cabe a nós falarmos, nós que passamos por isso, mas não como obrigação ou dever, pois senão entramos na moral. É uma questão ética para nós, em termos de avaliação de nossa vida: poder falar desse terror, por mais que isso custe e nos faça sofrer. Há que continuar falando disso porque hoje esse terror continua acontecendo e as pessoas não têm visibilidade nenhuma para poder falar e tornar público.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=SwcuvSWQnr4/> Trecho do filme *Os advogados contra a ditadura*: por uma questão de justiça, Direção: Silvio Tendler. Documentário. Brasil, 2013. 130 min

Questionando um pouco esses Direitos Humanos, a gente estava pensando exatamente nisso: se no âmbito dos direitos humanos não somos todos iguais, então qual é o desafio? Porque o grande chavão que a gente usa é “somos todos iguais”. Mas se não somos, qual é então o desafio nesse âmbito?

É afirmar a diferença que está no mundo!

Há duas coisas que são daninhas, são extremamente perigosas: é a intensidade e a diferença, ser intenso, viver intensamente e afirmar suas diferenças é o que o capital não quer. Isso é extremamente perigoso para o capital. Penso que isso faz parte dos Direitos Humanos, afirmar as diferenças que estão no mundo queiramos ou não; não somos unos, nós somos múltiplos. Por vezes, me sinto muito incomodada com os encontros sobre Direito Humanos de que participo, pois as pessoas realmente têm uma visão naturalizadora, de unificar, de individualizar, e o capitalismo adora isso; isso está dentro da lógica do capital. Acho que o grande desafio é esse: afirmar as diferenças que estão no mundo porque é isso o que mais incomoda ao capital, e também a intensidade. Ontem me perguntaram: “Mas você não acha que a gente pode entrar nesses meios de comunicação e tentar ir mudando?” E eu disse: “Não, não acredito nisso, você vai ser capturado imediatamente”, é a produção de coisas palatáveis, porque a diferença é intolerável, ela não é tolerável ali dentro. A gente vê isso na própria Universidade, e em qualquer outro lugar, como a diferença incomoda e como a intensidade é coisa de louco ou de velha maluca. “Ah, você é velha maluca”, eu já ouvi isso e falei: “Que bom, adoro ser velha maluca”. Coloquei em meu perfil no Facebook “Uma velha dama indigna e despudorada”. É pra quebrar essa unidade mesmo, isso é micropolítica, e isso é o que a gente pode estar problematizando e criando de diferente no mundo, parece pequeno mas não é.

Você disse recentemente numa entrevista para a Fiocruz¹⁵ que Direitos Humanos nesse momento atual passa a ser uma palavra revolucionária, um ato revolucionário, e queríamos entender um pouco isso.

Direitos Humanos é fundamental nesse momento em que a vivemos um estado de exceção, onde o fascismo se alastrou, onde um golpe jurídico-midiático ocorreu, onde a

¹⁵ ‘No momento que o Brasil está atravessando, direitos humanos passam a ser uma palavra revolucionária’ (2018) - <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/no-momento-que-o-brasil-esta-atravesando-direitos-humanos-passam-a-ser-uma>

ditadura se implanta de uma outra maneira, obedecendo aos cânones neoliberais. É meio parecido com 64, porque os militares foram os testas de ferro da implantação do capitalismo internacional no Brasil, na América Latina em 64. Hoje eles são os testas de ferro do neoliberalismo com todas as propostas que eles defendem. Hoje não precisa mais ato institucional, eles vão sutilmente jogando decretos aqui, decretos ali, não se chama atenção, é muito diferente.

Defender os direitos é uma coisa reformista? É. Mas é importante reconhecer que esses mesmos direitos, que foram adquiridos com muita luta, que ninguém deu de presente pra ninguém, também podem ser aprisionantes. Defender tais direitos sem naturalizá-los. Defender o humano sem naturalizá-lo. Deleuze dizia “a vergonha de ser humano” quando ele leu os escritos de Primo Levi¹⁶, o horror que foram os campos de concentração. Há também esse aspecto de que reificamos o humano, como se a vida, os outros seres que estão no mundo não valessem nada.... Acho importante que a gente defenda os “direitos” e “humanos”, mas sempre colocando-os em análise, e não de forma a-histórica. A questão é que quando naturalizamos uma coisa, acabamos engolindo essa coisa, ela passa a fazer parte e nada se cria, é parte do nosso cotidiano; está capturada. Passamos a defendê-la dogmaticamente.

Na Análise Institucional, René Lourau e Georges Lapassade diziam algo muito interessante, que o capitalismo tem essa capacidade de que tudo que pode soar perigoso – que eles chamavam de instituinte – é sempre equiparado ao que já está instituído, e no momento em que se institui tira-se toda e qualquer força revolucionária. Por isso, falar de direitos humanos de forma instituída é um fio de navalha, mesmo dentro de governos progressistas é um fio de navalha, pois estamos a qualquer momento facilitando a captura. Como vimos nos governos do PT, essa captura dos movimentos sociais, isso é uma das coisas mais perigosas, e talvez mais nocivas além das alianças conservadoras ocorridas. Capturar esses movimentos sociais é tirar a força instituinte deles. É igualá-lo ao que está instituído, oficializado.

Na Ditadura aparecia como única solução possível se colocar contra o governo. Com a emergência de um suposto Estado Democrático de direito aparece uma convergência de teses: invadir a ou evadir da máquina de Estado? Hoje, como você pensa o papel da militância na relação com o Estado?

¹⁶ LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.

Não estou negando que você possa ocupar certos cargos, mas há limites. Tem limites! Aí gosto do Paulo Freire. Trabalhei com ele e tenho esse orgulho de ter feito o Curso de Treinamento para Alfabetizador em 1963, e Paulo Freire dizia muito: “Os poderosos nunca abrirão mão do seu poder”. Se você começa a se tornar muito perigoso, cuidado que vão te impedir de trabalhar ou vão te expulsar. Acho que não é uma coisa 8 ou 80: “Não, não vamos trabalhar”. Nós trabalhamos na Universidade. E tínhamos muito mais espaço do que hoje temos. É aproveitar esses espaços!

Problematizava muito isso no estágio na UFF: intervenção institucional no Juizado da Infância e da Juventude de Niterói. São organizações duras, extremamente duras. E você vai vendo como o Conselho Tutelar vai se transformando em um verdadeiro juizado. Veio o ECA querendo acabar com a rigidez do Juizado, mas o Conselho Tutelar enfiou a carapuça do juiz. Então é trabalhar ali, mas o tempo todo colocando em análise as tuas implicações. Acho que esse conceito que os franceses da análise institucional trazem é fundamental: o que estou produzindo aqui na minha prática? A todo o momento é importante problematizar - não só quem trabalha, qualquer pessoa, profissional, de qualquer área do trabalho - o que estou fazendo aqui? Com quem estou me aliando? Para o que minha prática está contribuindo? Para azeitar essa máquina? Para fazer com que ela funcione melhor? Ou para tentar botar umas pedrinhas para que ela enguice de vez em quando?

Até onde puder vamos colocando umas pedrinhas para que ela não funcione tão bem. Agora, quando virmos que estamos azeitando, que vamos ser capturados e nos tornarmos mais um elo dessa máquina, aí há que tomar cuidado! Não são os extremos, é avaliando o tempo todo. Não é avaliação no sentido de julgamento, não. É uma avaliação ética. É dizer: esse é um bom encontro? Um agenciamento que me alimenta? Estou problematizando e criando coisas interessantes? Ou isso está me envenenando e me fazendo sujeitado a essa máquina? Essa avaliação tem que ser constante. Constante!

Como fazer um enfrentamento às práticas microfascistas?

Hoje percebo que as práticas microfascistas estão com a esquerda também e que temos de ter cuidado. Porque o fascismo está lá e está aqui. O Guattari dizia isso em um artigo antigo: o inimigo não está lá, o inimigo está ao meu lado, está aqui. Nós também: ninguém está fora desse mundo e essas forças fascistas nos atravessam e nos constituem cotidianamente. Me lembro que durante a prisão do Lula, um pouco antes ou pouco depois, o Caco Barcellos – que acho um jornalista muito interessante, convivi com ele durante um tempo na época em que eu estava fazendo doutorado, em que ele descobriu a Vala de Perus no governo de Luiza Erundina, que era a prefeita da época em São Paulo, e que a Globo impediu que fosse divulgado o documentário que ele fez – foi praticamente linchado pelos petistas porque era da Globo. Me lembro do olhar de algumas mulheres, militantes. Fiquei com medo. Eu tenho medo desse olhar de ódio. Desse olhar fascista. Dessas palavras de ódio fascistas.

Como lutar contra os microfascismos que estão também em nós? Não podemos esquecer isso. Estão em nós o tempo todo! Eu uma vez estava dando um curso para os jornalistas do Núcleo Piratininga de Comunicação – um grupo bem interessante, bem marxista, que dá cursos alternativos, jornalismo alternativo, para vários estados. Falei no final sobre isso, da nossa responsabilidade: não é só colocar a questão da produção de subjetividade, aqui estou produzindo subjetividade enquanto estou falando isso. Estou produzindo verdades. E há que se colocar em análise o que se está produzindo. Muitos ficaram incomodadíssimos.

Acho que, independente de ser marxista ou não marxista, há pessoas que pegam determinados conceitos, determinados pensamentos, colocam aquilo como verdade absoluta, como dogma. O marxismo faz isso muito bem, mas há deleuzeanos que fazem também, há guattarianos que fazem, há foucaultianos que fazem também: “A verdade está comigo”. É aquilo que os institucionalistas falavam: no momento em que alguma coisa se transforma em instituição está sacralizado, está endurecido, está legitimado como verdade.

Você usa reiteradamente o termo cantos de sereia do neoliberalismo. E talvez seja preciso dizer que a militância não fica fora do alcance destes cantos de sereia. Como você entende esse processo?

A gente vê isso no cotidiano do Tortura Nunca Mais/RJ, no cotidiano das nossas parcerias com outros movimentos. Onde há qualquer aceno do poder – aquilo que Foucault fala, não nos apaixonemos pelo poder¹⁷ – temos que pensar muito: são, sem dúvidas, cantos de sereia. As pessoas acham que “Ah, mas vou, vou conseguir”. Então, acho que é isso. Tudo que tem relação com o Estado, com nossas relações com o Estado e com qualquer outra instituição é fundamental estar sempre pondo em análise quais são as nossas implicações. Não é não participar. Somos muito apaixonados pelo poder. Todos nós! Todos nós adoramos. Todos nós adoramos uma visibilidade. O nosso ego é desse tamanho. Tudo isso é produzido. Ninguém está fora dessa produção, ninguém é puro. Essas forças estão dentro de nós e nos constituem.

Então a emoção que tive quando você lançou seu livro¹⁸, quando eu tinha acabado de ler o livro do Sérgio Mudado¹⁹, que depois você foi no lançamento do livro aqui no Rio, foi quando eu li meu depoimento lá que ele pegou na internet. Um livro muito bonito, eu o acho um grande escritor. Ele fala de uma amiga minha que esteve presa comigo e depois se suicidou na Alemanha²⁰. Foi trocada por um embaixador, foi muito torturada, se desestruturou muito. Ele não a conheceu, mas escreveu um livro dedicado a ela. Muito em função do que haviam falado dela.

Ele é mineiro, estudante de medicina na UFMG. E entrou na UFMG quando ela saiu para a clandestinidade. E para o livro ele pegou depoimentos de mulheres na internet. Um dos depoimentos que ele pegou foi o meu. E foi muito interessante esse processo de dessubjetivação, de “não sou mais eu, está no mundo”. É uma geração que passou perigo. Por isso que o que passa pela minha boca pode ser dito por outra boca e por muitas outras bocas. Estava muito emocionada naquele dia, nem conseguia falar direito, lá na UFF, no dia do lançamento do seu livro. É um processo muito... não consigo falar. Mas é você sentir que não é você, é qualquer outra pessoa. Qualquer pessoa da sua geração que passou por aquilo, que

¹⁷ FOUCAULT, Michel. “Uma introdução à vida não-fascista”. *Cadernos de Subjetividade*. Gilles Deleuze, São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade/PUC-SP, 1996. pp. 197-200.

¹⁸ Refere-se ao livro supracitado de Danichi Hausen Mizoguchi.

¹⁹ MUDADO, Sérgio. *A Chama e o Vento*. Belo Horizonte: Kore Editora, 2015.

²⁰ Maria Auxiliadora Lara Barcellos

viveu aquilo. A gente tem muita dificuldade disso porque o capitalismo o tempo todo afirma esse ego. E nós somos vaidosos, sim, porque somos produzidos para isso. Temos que estar alertas! Essas coisas que acabamos achando que são naturais, que é ser vaidoso, ter visibilidade. Essa questão do ego. Há momentos que o ego desaparece, sim. Há momentos em que ele não precisa estar aqui, não.

Eu estou falando pela minha boca e muitas outras bocas falam, outras vozes. Uma das coisas que sempre comento em público desde o início do Tortura Nunca Mais/RJ: não é só de minha experiência que estou falando... são muitas outras pessoas que estão aqui que não podem falar. Morreram. Enlouqueceram. Não é que eu queira representá-las, não é representação também. Representação é diferente. É você trazer toda uma vivência, que obviamente para cada uma será diferente, é você trazer um pouco daqueles sentimentos, daqueles momentos, em que você viveu e fazem parte da História. Muito nesse sentido.

Um das questões em que caímos muito, especialmente para quem foi atingido por alguma violência, naquele período ou hoje, é essa atribuição da vítima. Eu tenho horror a essa coisa de vítima. Uma vez estive na Dinamarca com a Regina Benevides e a Beatriz Sá Leitão alguns anos atrás e eles só falavam de vítima. Eu não sou vítima de nada: eu sou sobrevivente. Porque acho que a palavra vítima te coloca num certo lugar, te submete, te desqualifica: “coitadinha, pobrezinha”. A pobreza, ela é vítima! Aí vêm as políticas públicas assistencialistas. Essa coisa do paternalismo. Marilena Chaui – antes de ela ficar ruim como ficou agora, sempre gostei muito de Marilena Chaui dos antigamente dela – dizia isso: A política brasileira sempre se caracterizou, além de ser uma política burguesa – não só a brasileira – por ser uma política do favor: “estou fazendo isso: daí, você me deve um favor”. Você acaba sendo devedor. É o homem endividado de que nos fala Deleuze. Então, esse nome vítima é terrível. Eu acho horroroso! Eu acho muito forte. Eu acho que é uma forma de desqualificar a potência do outro, a força do outro, a resistência do outro. Sobrevivência não no sentido de sobreviver, mas de afirmar uma vida potente, de criar outros modos de estar nesse mundo, apesar das violências sofridas.

Como você vê as semelhanças e diferenças entre o contexto atual de ascensão do fascismo e a ditadura de 64?

Falei um pouco sobre isso: o capitalismo hoje está em um outro momento. Obviamente que naquela época o neoliberalismo era muito inicial em 64. Era a implementação das multinacionais na América Latina. Os militares foram os testas de ferro e serviram muito bem assim como estão servindo até hoje. E não precisa ser militar, os grandes grupos econômicos estiveram e estão aí presentes no cenário político.

Vocês viram o filme do Spike Lee? *Infiltrados na Klan*. Quem não viu tem que ver! E ali vemos claramente esse fascismo – conservadorismo é pouco – planetário. Daí a importância do Brasil para a América Latina. Nós tivemos tudo naquelas eleições, tudo, tendo em vista que o Temer foi um período de transição. Interessante que me lembro de Claudio Ulpiano falando isso há 40 anos. Cláudio Ulpiano é um filósofo, deleuziano, que nos ensinou a ler Deleuze e foi professor da UFF e da UERJ. Ele dizia assim: “O capitalismo é perito em liberar os fluxos e capturá-los logo a seguir”. Quanto mais você libera a questão LGBT, por exemplo, mais você quer criminalizar tudo: a homofobia, a violência doméstica – essa é outra questão que vocês não colocaram e é importante colocar: a questão da punição. Libera os fluxos, mas ao mesmo tempo você pune tudo, controla tudo. É impressionante como a esquerda brasileira é punitiva. O caminho é sempre pela punição. E aí, entra a questão da vingança e da vítima. Tem um livro da Érika Reis – que foi minha orientanda de doutorado – que é muito bonito²¹. Ela pega Nietzsche e Foucault com a questão do homem do ressentimento e o espírito de vingança e tem muito a ver com o momento que estamos vivendo. O neoliberalismo é perito nisso: libera os fluxos, mas ao mesmo tempo captura e se produz toda uma lógica punitiva e de controle cada vez mais sofisticado.

Há pouco tempo quase levei uma surra, era um grupo pequeno – eu não falo mais em grupos grandes porque não ouço as perguntas – quando comecei a falar que era contra a criminalização da homofobia. Só falei apanhar! É a mesma coisa em relação à Lei Maria da Penha. O Nilo Batista²² tem um artigo belíssimo chamado “Só Carolina não viu” mostrando que o que está na Lei Maria da Penha é a mulher trazendo o revide, a vingança, como se só a punição fosse o caminho. Então, importante que pensemos: hoje o neoliberalismo fortalece muito a questão do espírito da vingança, da vítima, do ressentimento: nunca sou eu, sempre é o outro. Eu estou sempre ressentida, estou sempre lembrando de algo. E temos muitos

²¹ REIS, E. F. *Justiça e Espírito de Vingança: O que se quer quando se pede por justiça e o ressentimento do homem atual*. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

²² BATISTA, N. Só Carolina não viu: violência doméstica e as políticas criminais no Brasil. Rio de Janeiro: *Jornal de Psicologia*, março/2008.

militantes, antigos militantes, pessoas que foram presas na época da ditadura, ou que viveram na clandestinidade, no exílio, que trazem esse espírito de vingança muito forte.

Dentro do Tortura Nunca Mais/RJ não tem uma coisa muito consensual, mas sempre afirmo que eu penso assim. Isso não é uma posição oficial do Tortura Nunca Mais/RJ. Para mim não adianta punir torturador: é uma questão ética – senão entramos na moral, no julgamento – trazer os torturadores a público. Trazer a cara deles, trazer todos os atos infames que foram feitos. Do que adianta prender? Levar aos tribunais? Não me nego a dar depoimentos. Conheci um procurador da Justiça que hoje é meu grande amigo, o Sérgio Suiama, que é um guerreiro. Um jovem militante e que trabalha com essa questão de Direitos Humanos. Lembro que o conheci brigando com ele publicamente, em uma fala que fez em um evento do Tortura Nunca Mais/RJ por sua posição muito punitiva, e é óbvio que para estar na Procuradoria ele tem de ser punitivo. O Sérgio Verani é um dos poucos que conheço que não entra por esse caminho. Há anos que defende a extinção da prisão, o abolicionismo penal. De um modo geral, quem está na Justiça acredita na punição. É crença mesmo na punição, não é de sacanagem!

Há pouco tempo eu estava jantando com o Sérgio Suiama e ele falou: “Você daria seu depoimento?”. Eu disse que sim, que daria meu depoimento sobre tudo que eu vivi. Queria estar cara a cara com esse major Riscala Corbaje, esse Doutor Nagib. Mas ele não apareceu na Comissão Estadual da Verdade porque estava doente, de pressão alta – é da minha idade o cretino –, mas estava cego de uma vista e com problemas de locomoção. Apresentou um atestado médico, não compareceu. Eu disse: não é por vingança, não. Não quero me vingar desse sujeito que chefiava a equipe que me torturou no DOI-CODI/RJ. Quero dizer a ele: “você lembra que o senhor fez isso e isso? Quero saber do desaparecido Jorge Leal Gonçalves, pois eu o vi sendo torturado por você. Eu sou testemunha disso, onde está o corpo? Conte essa história”. E sabemos que eles não vão contar! Mas, pelo menos, é importante trazer a público isso. Eu não tenho ódio dos caras, de jeito nenhum. Acho que o ódio não alimenta ninguém. Quanto mais ódio temos, mais nos envenenamos. Não se cria nada em cima de ódio.

A respeito dessa discussão da criminalização, tenho conversado com muitos militantes que são contra a criminalização da homofobia, que são abolicionistas, mas que no contexto político em que estamos têm defendido a criminalização. O principal

questionamento é que se dermos uma resposta que não passe pela criminalização estaríamos favorecendo o extermínio e as mortes de determinadas populações. O que você acha disso?

Acho que temos exemplos disso: a Lei Caó, que é a do Carlos Alberto de Oliveira, jornalista negro, a Lei contra o racismo, não adiantaram nada. É antiquíssima, tem mais de 30 anos. A Lei Maria da Penha não funciona para a mulher pobre, que é onde deveria funcionar. Isso não diminui os feminicídios – até nome se inventa agora, como se inventa nome para transtornos. É a mesma coisa para quem é a favor da pena de morte, é a mesma lógica, é o mesmo argumento. Em estados americanos em que se tem a pena de morte, não diminuiram os casos de violência. Da mesma forma: não é uma lei... Essa que é a crença no Estado. E pedimos mais lei, pedimos mais tutela. E isso é foda! Porque quanto mais leis, mais tutela e controle sobre você. Isso é via de mão dupla: não vai diminuir a violência e, ao contrário, vão nos tutelar mais ainda. Vamos ficando cada vez mais controladas pelo Estado e entendemos que isso é segurança para nós.

Cecília, você acha que essa modulação punitivista que a gente tem, esse pedido ao Estado pela legalidade é produzida pelo próprio capitalismo?

Lógico! Essa crença de que “Porra, sem o poder eu não vivo! Sem alguém me governando não vivo. Tenho que ter alguém que me governe, alguém que me represente.” A política da representação é isso. O que adianta? No final acabamos votando em Eduardo Paes. Puta que me pariu, porra! Entendeu? Quando a gente vê que o cara foi um dos que mais recebeu grana, porra! É uma coisa tão bem arquitetada, tão bem bolada, que você fica prisioneiro dessa lógica. Então tem um “tem que fazer” como se você tivesse salvando o país. Não vai adiantar. Essa é uma força que temos que ter... eu não tive essa força para dizer: “não vou votar”. Estamos sentindo isso na pele, como estamos prisioneiros dessa lógica de crença no Estado. De que é com lei e com o Estado que a gente vai poder viver melhor. Estamos trazendo Rousseau para os dias de hoje: contrato social. Isso é histórico, quer dizer, essas forças estão em nós e estão sendo inoculadas pelo capital. Interessa ao capitalismo isso: que fiquemos prisioneiros dele.

A gente vê que essas forças vão muito para a micropolítica. Como você percebe isso?

É na tua relação com a empregada, com teus filhos, no teu cotidiano. Lembro do machismo de meu grande companheiro, Gregório Bezerra, aquele velhinho que já era bem velhinho no golpe e que foi puxado pelas ruas de Recife. Ele foi amarrado em um jipe e puxado pelas ruas de Recife no dia 2 de abril de 1964 para ser exemplo para a população. Tempos depois ele foi trocado no sequestro do embaixador norte-americano. Na prisão, ele dizia: “Eu não quero que minha mulher nem minhas filhas me visitem. Prisão não é lugar de mulher”. Ou seja, nenhum de nós é uma totalidade. Somos multifacetados. Então a esquerda é machista pra caralho! Punitivista para caramba!

Sobre essa questão, é interessante como que esses movimentos ditos revolucionários acabam reproduzindo uma série de facetas, como por exemplo o machismo. Acho que essa é a parte do eixo em que a gente fala sobre a militância e a academia. Você acha que essa reprodução está muito presente nesses dois ambientes? Como você vê formas de reinventar, ou se existem formas de reinvenção, dentro desses movimentos, os papéis de gênero, raça e classe?

Reinvenção não tem receita. Então não é reinventar, é inventar mesmo. Lembro como era vista na época da graduação – Danichi nem estava lá na UFF, nem tinha a pós-graduação: “Ah, Cecília não é psicóloga. Cecília é militante.” “Ah, vai fazer estágio no juizado, é? Ai, vai fazer estágio de política”. Então essa coisa era muito forte naquela época. No meu pós-doutorado por exemplo, o que a FAPESP me disse foi: “Isso não é trabalho acadêmico. É de militância.” E me negou bolsa. Fiz meu pós-doutorado sem bolsa por causa dessa dicotomia. Creio que a militância está junto; uma coisa não está separada da outra. Uma aula que Danichi está dando, este encontro aqui, por exemplo, estamos fazendo política. Não precisa de partido, sindicato organizado. Até querem que estejamos, porque nos controlam melhor. Eu não quero ser de nenhum tipo de organização, sempre digo quando o pessoal me procura: “Isso aqui não é partido político. Aqui não existe centralismo democrático. Vamos discutir!” Se não chegar a um consenso, vamos ver a maioria. Estamos numa política da representação,

mas temos que tomar muito cuidado, querem tudo muito organizado. Querem porque nos controlam melhor.

Deleuze afirma que não há governo de esquerda. Qual sua posição diante dessa afirmação?

Concordo plenamente. É aquilo que eu estava falando: se você vai para o governo, você vai gerir o capital. O que foi que vimos? A gestão do capital, de uma forma menos selvagem, digamos assim, por uma política populista: “vamos abrir universidades”. Por um lado é interessante? É! Mas há perigos nisso. Extremamente perigoso. O capital não prega prego sem estopa.

No texto “Psicologia, Direitos Humanos e Neoliberalismo” você fala sobre a importância da noção de *implicação* em nossas práticas. Pensando nisso e na constatação de que não há como separar vivência acadêmica e militância, você acredita que passado o período ditatorial de 64 as produções acadêmicas no país passaram a assumir mais o lugar da não neutralidade como um efeito posterior à vivência de repressão?

Infelizmente não!

Ou pelo peso do silêncio e impunidade colocados até hoje sobre esse assunto, a influência positivista no modo de fazer pesquisa é difícil de ser desbancada e ainda veta o lugar das vivências?

Você já respondeu! Está aí! É isso aí, ainda somos positivistas e cartesianos. A universidade é positivista. Eu não suporto a palavra impunidade. Impunidade quer dizer que temos que punir. Estamos produzindo isso cotidianamente. Deleuze falava muito isso: as palavras produzem sentido no mundo. Então, cuidado com o que vamos falar, com as palavras que utilizamos, porque elas estão produzindo sentido no mundo. A formação de psicologia ainda é uma formação extremamente positivista e cartesiana, onde se aspira uma neutralidade. Não se fala, as pessoas não têm tanta coragem de falar da neutralidade como antes se falava, mas nas suas práticas querem mantê-la. Ainda mantemos as dicotomias e os

dualismos, e isso é ótimo para o capital: aqui está o bom, aqui está o mau. Espinosa já falava isso. Então você acaba se colocando sempre assim: quem não está comigo está contra mim. Você coloca o outro como uma totalidade e em constante embate. E a gente entra nessa história, isso está em nós. Entramos nisso. Impensadamente, muitos entram com a melhor das boas intenções, mas suas práticas estão produzindo efeitos no mundo.

De quais modos você acha que é possível fazer o saber produzido na academia potencializar efetivamente a luta das minorias nas disputas de poder travadas nos espaços públicos?

Entramos muito no modelo norte-americano. Quanto mais pesquisa, quanto mais artigos publicamos, mais nota temos. E aí você fala a mesma coisa em três, quatro, cinco artigos. Quer dizer, é a coisa mesmo da reprodução: você não cria, não inventa. Até como a universidade, a academia, a forma como ela está organizada, as pós-graduações, não dão tempo para você criar. Você tem que reproduzir. As graduações também. Então virou fábrica, como se fosse uma grande fábrica, onde você está numa linha de montagem do “Rápido, vamos lá! Vamos produzindo!” Pessoas apenas vão repetir o que já foi dito. Porque a criação é perigosa; porque criação é pensamento. A gente só cria, inventa, com o pensamento – com o pensar. Não se tem tempo para pensar; não interessa pensar. O que interessa é reproduzir. E isso não é só na universidade. As empresas não têm um momento onde você pode pensar... fazem trabalhos de reflexão, trabalhos para você relaxar, mas não se está produzindo pensamento. Pensamento é você se sentir incomodado. Você tem que se incomodar para poder pensar. Pensamento te desloca, te desterritorializa. E é mais cômodo não nos deslocarmos. Dá trabalho, né? Dá muito trabalho. Por isso a criação está mais nas artes, porque são aqueles – os chamados boêmios, os que não entram nesta rotina do trabalho capitalístico – que têm tempo para poetizar, inventar, criar. Se você não pensa, não inventa! E reinventar não existe! Ou você reproduz ou você cria. Se não entramos na reforma: “Vamos reformar isso aqui para ficar menos ruim?” Que foi o que esses governos populistas aí fizeram! Em toda América Latina e planetariamente!

Você como professora, percebeu essa iniciativa de reprodução dos próprios alunos em algum momento?

Veja bem, ninguém nasce pronto. Lembro que dava aulas de História para o segundo grau e uma vez disseram assim: “Você era foda, era uma excelente professora, não dava trégua para ninguém”. Já fui uma professora dura pra caralho. Disciplinadora pra caramba. Ainda bem que mudamos. Que estou vivendo bastante tempo para poder sempre mudar, sempre inventar outros modos de estar nesse mundo.

Eu trazia certas análises como verdades. Fui me deslocando... Então, é isso que penso ser importante estar alerta. É não pegar Deleuze como uma instituição. É não pegar Foucault como sendo o dono da verdade. Isso não quer dizer que se mistura tudo e se faz um sincretismo. Não é isso! É aquilo que eles falam: a caixa de ferramentas. Que falam em “Os intelectuais e o poder”²³: uso isso que me é útil nesse momento, daqui a pouco uso uma outra coisa, não existe essa de verdade.

É óbvio que vamos nos deslocando sempre. Ainda bem que conseguimos ir nos deslocando. Agora, é incômodo? É. Causa incômodo? Causa. Causa estranhamento aos amigos? Causa. Causa afastamento de alguns amigos? Causa, e a aproximação de outros também. Causa afastamento até da família. Eu aos sessenta anos me separei, de um casamento em que fiquei por 36 anos. E as pessoas diziam: “Ah, mas você tem outro!”, e eu dizia “Não, não tenho. Por quê? Tem que ter?”.

Então, esses deslocamentos, essas desterritorializações, são difíceis de serem feitos, muito difíceis. Eu não quero ficar a mesma, acho que também tem isso, né? E não estou dizendo que seja sofrido, porque isso aí é uma coisa cristã. É incômodo, agora, é extremamente maravilhoso você olhar pra trás e dizer “puta que o pariu, já pensei isso, fiz isso, que horror, porra! Que coisa horrorosa! Como o fascismo estava mais forte dentro de mim”. E não é que não esteja não, continua... Essas forças estão aí, mas conseguimos aos poucos ir nos deslocando. Para mim, e acho que para muitas pessoas com quem convivi nesses anos todos eu acho que é um desafio! É um desafio de não querer ser mais a mesma. É um desafio mesmo, sabe? Óbvio que você fica muito incomodado em muitos lugares. Eu ia pra algumas reuniões e dizia: “o que é que tô fazendo aqui? Puta que o pariu, não tenho nada a ver com isso, não é mais a minha tribo”. Causa, realmente, angústia. E obviamente a gente quer ficar em um lugar que nos é cômodo, em que nos acomodamos e não nos incomode. É desafio, é desafiador, mas acho genial, porra! Acho muito bom! A Cecília nem sempre foi

²³ FOUCAULT, M. Os Intelectuais e o Poder: Conversa entre Foucault e Gilles Deleuze. Em. M. Foucault. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, pp. 69-78, 1982

assim não e nem sempre será. Quando tiver 80 anos, porque eu vou chegar aos 80 anos, serei outras coisas.

Agora a gente vai pro outro eixo, que é pensar essa migração do Marxismo para a Filosofia da diferença.

É, isso tudo que estou falando... o meu incômodo, como saí desses lugares tão duros.

Lembro quando ia para as aulas do Cláudio Ulpiano. Na primeira aula que fui, Lilia Lobo me levou. Ele dava cursos, e fui fazer um curso com ele fora da UFF – depois assisti todas as aulas dele na UFF. E fui com medo, porque não queria sair do meu lugar, do meu território marxista. Fui com muito medo, temerosa para a aula, porque sabia que ele ia mexer comigo, que ia me deslocar, e me deslocou, me desterritorializou. Se sacralizamos qualquer território, você se endurece. Alguém uma vez usou uma expressão muito bonita. Não me lembro quem foi, que estava falando dos territórios sagrados, do Marxismo e da Psicanálise... Ah! O que o Novaes mexia comigo, quando comecei a ler Foucault! Novaes, meu ex-marido, é até hoje marxista, já leu Deleuze, fez filosofia antes de fazer psicologia e continua marxista. Ele usava um termo do Lênin, que era o pântano ideológico. “Você está no pântano ideológico”, aí eu dizia: “Que bom, porque não quero um território firme. Eu quero é ficar no pântano mesmo, quero navegar por esses pântanos.” Porque o território firme te dá segurança, mas te cristaliza, endurece, e mantém aquelas mesmas crenças. Pântano ideológico, esse era o termo que o Lênin usava. E o meu filho, que era marxistão também na época, e ainda é, professor de geografia, falava assim: “Nós estamos em Cuba”. E eu dizia: “Não vou ouvir discurso de Fidel porra nenhuma, não vou! Acho um absurdo esse tipo de coisa, ainda ter que defender partido único!” Nós em Cuba, e os dois me dizendo: “Você está no pântano ideológico”. Então esse negócio do pântano acho que é isso mesmo. Saímos com muito medo de enfiar o pé na lama, de não termos território firme – é o equilibrista, é o fio de navalha. É muito mais difícil.

E aí quando comecei a fazer contato com o Cláudio Ulpiano, minha vida mudou. Mudou tanto que me separei, desfiz família. Desfiz não! Desfiz a sagrada família. Eu era a irmã mais velha, e sou a única mulher no meio de quatro homens, e sou a mais velha. Meu pai dizia: como pode, a minha única filha mulher chegar de madrugada, meus filhos homens não fazem o que você faz! Quando minha mãe morreu, meu irmão falava assim “Essa é a nossa mama”, e eu dizia “Sua mama morreu! Eu sou sua irmã mais velha, tá?”. É um lugar

que querem te colocar, e se tivesse vacilado eu estava lá olhando neto, cuidando da sagrada família, dos meus irmãos, de todo mundo, entendeu? Tô fora, não quero isso, quero outra coisa pra minha vida. Agora: que dá cagaço, dá!

Mas que conexões que você mantém com o Marxismo?

Acho que tem coisas interessantes, o Cláudio falava isso. Na análise do Capital, do funcionamento do capitalismo, ninguém superou Marx. É muito importante ler Marx, não tem que jogar fora. A questão de que não se pode participar do Estado, é captura! É captura sim, mas não vamos totalizar nada. O marxismo aprisiona? Aprisiona. Como Foucault e Deleuze podem aprisionar. Acho importante ler Marx, enquanto um historiador do capital, da lógica do capital, do funcionamento do capitalismo. Aprendi muito, não só na minha militância, mas fiz História antes de fazer Psicologia. E o que aprendi em história, dentro de uma visão marxista, me foi muito útil para a Psicologia. Porque a Psicologia, por outro lado, desqualifica, ignora a história e vem enfatizando o intimismo, o interior. Luis Antônio²⁴ fala muito bem sobre essa intimização, essa interiorização, essa psicologização. Naturaliza-se o Eu, a filosofia do sujeito, e você ignora toda a produção sócio-histórica que está se fazendo ali. O marxismo é importante, sim. Acho que toda e qualquer teoria é importante. Até saber sobre positivismo para podermos nos colocar em análise: “Olha só como eu estou sendo positivista!”. É aquilo tudo que já falei, acho que já falei tudo, não? Mas tá dando para fazer as ligações? É meio anárquico, né? Acho que a gente vai ficando velha vai ficando mais anárquica, sabia? Em termos de pensamento. Ou endurece de vez, né? Aí é foda!

Foucault e Deleuze vão se aproximar um pouco mais das causas ditas minoritárias do que o marxismo. Aí a gente queria ouvir um pouco sobre certa acusação do marxismo de que o modo do pensamento desses autores fragmenta as pautas e abre espaço pra direita.

Isso a gente viu em 2013. “Vamos organizar? Essa dispersão de pautas é que prejudicou o movimento”. Acho que o Marxismo - quer dizer, o Marxismo não, porque não existe O Marxismo, como não existe A Psicanálise, como não existe O Deleuze, existem muitas leituras e análises que a gente pode fazer – adora hierarquizar e classificar tudo,

²⁴ Baptista, Luis Antonio. *A fábrica de interiores* – a formação psi em questão. Niterói: EdUff, 2000.

porque é uma forma de organização. O marxismo fica numa visão extremamente dogmática de ideologia e de luta de classes. Então, as chamadas minorias acabam sendo reduzidas a uma coisa muito geral de luta de classes, da luta contra o capital. É também, mas não é só isso! Há especificidades nessas lutas que precisam ser percebidas.

Lembro que acompanhei na época o Althusser questionando o Foucault, e este respondendo a Althusser. Este foi meu grande teórico quando eu era marxista. Heliana Conde e eu éramos althusserianas, e a minha dissertação de mestrado é toda althusseriana. E eles eram grandes amigos, Foucault e Althusser, mas se digladiavam publicamente. Althusser tem um livro lindo escrito depois que foi internado no manicômio judiciário, porque ele esganou a mulher dele em uma das suas crises. Ele tinha sido prisioneiro em campo de concentração nazista durante a segunda grande guerra, e tinha crises, e ele esganou Héléne, que era mulher dele, militante comunista também. E foi internado no manicômio judiciário, e morreu lá. E escreveu um livro que os discípulos dele, preocupados com sua memória, não permitiram que fosse publicado, só depois de sua morte. Chama-se “O futuro dura muito tempo”²⁵. Lindo, lindo, lindo! E ele fala muito do Foucault, das visitas que fazia a ele no manicômio judiciário. Então acho bonito, uma coisa que me remete aos meus companheiros comunistas, que ainda acreditam na ideologia e na luta de classes. Eu não consigo mais trabalhar com esses conceitos de luta de classes e de ideologia, mas mantemos uma sólida amizade, um carinho muito grande.

O marxismo tem uma empáfia ao dizer “Você está dando armas para a direita”. Nós fazíamos isso, era a palavra de ordem, palavra-chave para nós: “Cuidado, não podemos falar isso em público. Não podemos dar armas pra direita, hein!”. Uma coisa meio paranoica, e que esses autores que foram comunistas - Michel Foucault foi do Partido Comunista Francês -, quando você quebra com uma coisa e começa a mostrar outras, você sai desqualificado. Até hoje tem companheiro meu que diz: “Não apoiou 2013? E agora vai falar do impeachment da Dilma?”. Tem gente que mandava mensagenzinha pra mim, eu cagava e andava pra esse tipo de coisa. “Porque nós que apoiamos 2013 estávamos contra o PT”. Estávamos, sim. Estávamos, sim, contra o PT. A Dilma assinou a lei antiterrorismo, não podemos esquecer de tudo o que foi feito tentando manter aquelas alianças nojentas. E nos acusaram. Imagina os intelectuais que estão produzindo conceitos? E conceitos que se tornam até perigosos? Ainda mais o Foucault, Deleuze, Guattari. Eram realmente perigosos para um marxismo que defendia o Estado, que afirmava a transcendência. Aos poucos vamos vendo “não dá pra

²⁵ ALTHUSSER, L. *O futuro dura muito tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 316 p.

jogar fora tudo”, “tem coisas importantes que a gente tem que continuar lendo”, etc e tal. Agora, tem certos dogmatismos que não dá. É aquilo que os institucionalistas falam: tudo que vira dogma, vira instituição, vira profissão de fé. E aí não tem como discutir. É profissão de fé, é dogma, é religioso – caiu no campo da fé. Alguns marxistas agem assim, como muitos petistas agem assim, como muitos foucaultianos agem assim, como muitos deleuzianos agem assim... como se fosse uma religião. Fugir dela! Do dogma – de achar que aquilo é a verdade e será sempre a verdade. Hoje eu estou falando isso, não sei se amanhã vou estar falando. Não sei. Hoje pra mim são verdades provisórias. A fragmentação é ótima, e a esquerda não suporta a fragmentação. Fragmentação para o capital é péssimo, como para o marxismo também é. E a unidade às vezes, quando pedem “unidade! unidade”, ela é perigosíssima. Algumas propostas hoje da política de unidade, unidade... fiquemos com o pé atrás.

Esses pensadores, que tem te ajudado a defender algumas posições, são franceses e estão localizados na década de 80 e 90. E isso faz com que algumas pessoas façam críticas de que são obsoletos e colonizadores e que não deveríamos estar insistindo neles. Gostaríamos de saber qual a sua opinião em relação a isso.

Depende de como você vai usar. A questão do **como** é fundamental; Foucault fala muito sobre isso. As coisas não têm essência, são produzidas o tempo todo. Então não existe uma essência a ser procurada, preservada. Existe como você está produzindo isso, como você está usando isso. Obviamente que certos autores negros, indígenas, são importantes de serem conhecidos. Eu não os conhecia, estou conhecendo hoje através de muitos orientandos meus. Acho ótimo! Agora, isso não quer dizer que eu vou jogar Deleuze e Foucault fora. Não é isso, é somar. É o mesmo que eu falei do marxismo: é ter uma visão crítica. É não entrar também em uma coisa identitária, que é extremamente perigosa. Então, esses autores são fundamentais para podermos nos atualizar, para podermos perceber como a lógica dominante é a ocidental positivista. Depende de como você vai usar Deleuze para colonizar. Se você usa como verdade absoluta e última, aí você está colonizando, sim. Não existe nada em si: “Ah, esses autores são melhores do que esses colonizadores brancos”. Não é por aí. Eles efetivamente nos trazem importantes visões de mundo que ignoramos totalmente.

Não é opor uma coisa tornando-se outra verdade. A qualquer momento que afirmamos uma verdade absoluta, estamos fodidos, estamos capturados. É entender que esses conceitos estão na vida, na experiência da gente. E experimentar isso. Eu posso saber filosofia pra caralho, mas a minha vida ser uma merda. Posso ter uma vida extremamente

conservadora e saber pra caralho Deleuze, por exemplo. Posso ser uma pessoa extremamente preconceituosa e estar falando de Foucault. Não interessa saber das coisas, me interessa utilizar esses conceitos na minha vida – e não na minha profissão só, ou lá dando minha aula. É na minha vida, é no meu cotidiano. É muito difícil isso. Não é coerência entre teoria e prática, porque não existe essa separação entre teoria e prática, essas coisas estão juntas o tempo todo, estão se revezando o tempo todo, como Foucault e Deleuze falam: “a prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra”²⁶. Então, eu não acho que esses autores estejam superados, sejam colonizadores, discordo profundamente. Cuidado para não cairmos em dualismos: você fica defendendo uma verdade porque tem um outro grupo defendendo uma outra verdade, e aí ficamos na defesa de duas verdades, como se fossem – e não são – antagônicas. Temos a tendência de totalizar tudo, de procurarmos uma essência. É importante ler os autores... estou lendo um livro lindo da Conceição Evaristo, e são belíssimas as coisas que ela traz, eu acho que são temas que temos que ler, sim. Eu fico muito feliz de estar viva podendo ler isso, e continuar estudando Deleuze.

Essa mudança teórica que você faz entre o marxismo e a Filosofia da diferença se deu em função de uma mudança de mundo, ou seja, numa modificação dos jogos de poder que você percebe no momento e te desloca, ou foi uma mudança ética sua diante do mundo?

Foram as duas coisas. Tem a ver com uma visão ética do mundo, e tem a ver com a minha militância. Eu já falava muito isso: nós que queremos mudar o mundo, queremos o socialismo, acreditávamos que podíamos chegar ao comunismo, pelo Estado, nós éramos extremamente fascistas. Nós éramos extremamente conservadores em muitos momentos, e isso eu comecei a perceber com a derrota que tivemos. Essas coisas andaram muito juntas para mim, a minha militância e a derrota de 64. Principalmente em 68, quando veio o AI-5, quando se implanta o terror do Estado. Essas coisas estão muito juntas: é quando eu entro pra UFF, em 79, quando cai a Lei de Segurança Nacional que impedia que eu fizesse qualquer concurso público, porque eu tinha que ter o atestado de ideologia, eles exigiam isso, né? Tinha que pegar no DOPS, óbvio que eu não ia conseguir nunca, tinha sido presa. Nem estágio consegui fazer no Hospital Pedro II. Eu fui lá no Hospital procurar saber com o

²⁶ FOUCAULT, M. Os Intelectuais e o Poder: Conversa entre Foucault e Gilles Deleuze. Em. M. Foucault. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, pp. 69-78, 1982

diretor: “Por que eu que passei em primeiro lugar até agora não fui chamada pro estágio?”. E o cara não queria me receber, eu fiquei lá plantada. Eu era estudante de Psicologia na época, já dava aulas de História. Aí o diretor, muito sem graça, falou: “Olha, seu nome consta no SNI, e isso aqui é do Ministério da Saúde”. “Era só isso que eu queria saber”, respondi eu. Ou seja: perseguição política, no Hospital Pedro II, ali no Engenho de Dentro, que hoje é o Nise da Silveira.

Mas o primeiro contato que eu tive é com a Análise Institucional, ainda nos anos 70. A Heliana Conde começa a trazer pra gente, e era a xerox da xerox da xerox, através de alguns colegas psi que fizeram formação no IBRAPSI, como ela. Não havia nada traduzido aqui, o que tinha era em espanhol. Xerocávamos aqueles livros todos rabiscados que chegavam pra gente. A etapa seguinte foi Foucault, bem marxista, bem no primeiro momento do Foucault ainda marxista. E depois quando me encontro com Claudio Ulpiano nos anos 80, que é quando em 79 entro pra UFF, e em 81 já estou começando a fazer alguns cursos do Claudio Ulpiano. Agora, foi uma coisa muito lenta, porque não dá pra você jogar todo um arsenal, toda uma experiência de vida assim fora. Essa coisa, por exemplo, do abolicionismo penal, isso foi uma das últimas coisas com que eu me deparei. Já lendo Deleuze, Foucault... mais a minha militância. Todas as minhas mudanças, digamos assim, conceituais, de pensamento, têm a ver com a minha experimentação enquanto militante. Tem muito a ver com a nossa decepção, com o sonho que acalentamos na juventude, de que poderíamos mudar o mundo. Aquela efervescência dos anos 60, e depois o golpe, depois o AI-5. Depois a prisão, o exílio dos companheiros, que eu achava que nunca mais iria ver nenhum desses amigos. Essas coisas foram muito juntas. A descoberta desses autores tem muito a ver com o desencanto de um sonho, de uma utopia. E eu comecei a questionar, por exemplo, essa questão da utopia. O Chico Alencar, em uma das primeiras campanhas, citou o Eduardo Galeano: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e ela se afasta dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”²⁷. E eu digo: Não. A utopia não tá lá. A utopia tá aqui. A cada dia estamos realizando utopias. Não está lá, como a revolução não está lá. A revolução está aqui. Estamos nos revolucionando a cada momento. Não estamos na transcendência, no “um dia eu chego lá”. Não, estamos na imanência, agora, aqui, na minha experimentação de vida, do cotidiano. No nosso cotidiano.

²⁷ GALEANO, Eduardo. “Para que serve a utopia?” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iqj1oaKvzs>>. Acesso em: 08 jun 2019

Demoramos nesses deslocamentos... Eu lembro que quando o Tortura Nunca Mais/RJ começou, lá atrás, em 1985, eu citava uma poesia do Carlos Drummond de Andrade que dizia que “o ódio é o melhor de mim mesmo”, que ele fez durante o Estado Novo. E, posteriormente, quando comecei a pensar na questão do abolicionismo penal, e lendo um pouco de Espinosa, pegando a questão dos bons encontros, dos afetos, eu disse: “eu não quero que o ódio seja o melhor de mim”. Eu quero inventar outras coisas. Não lá, mas aqui, em mim, à minha volta. O ódio não pode ser o melhor. Não é um bom encontro, não vai me alimentar em nada.

Como você explica, então, a diferença entre os modos e os objetivos da luta no viés marxista e no viés foucaultiano e deleuzeano?

Isso que eu falei: é no plano de imanência, é experimentar a cada momento, é problematizar. Eu, por exemplo, não tomo nota de nada que o Auterives fala. Eu faço curso com Auterives há mais de dez anos. E ele nunca fala igual, sempre fala diferente. Eu fico ali e para mim é terapêutico, porque tem a ver com o que eu experimento na vida. E eu acho que o importante dos conceitos é isso, é colocá-los na tua experiência, na tua vida. Não adianta eu ser uma brilhante filósofa que fala de Deleuze se eu não incorporo isso no meu cotidiano, na minha vida, nas minhas relações, na minha sociabilidade.

Uma coisa que achei interessante que você falou foi “eu não fui vítima, sou sobrevivente”, e como que essa palavra “vítima” tira a potência do corpo. A gente fez uma pergunta que pra mim se liga muito com o que você disse, que é: como você entende a enunciação deleuzeana de que resistir é criar?

É isso: pensar, criar e resistir. É aquilo que a gente estava falando: se você não quer reproduzir, você tem que criar. E criação é resistência, reprodução nunca será resistência. Reprodução é a mesmice, o nome já diz: reprodução é produzir o mesmo. Não vem com o pensamento, é o não-pensamento, a coisa automática – é o que querem, é o que querem nos treinar, nos domesticar.

Lembro de uma vez, o escândalo que fiz... já estava aposentada e não sabia das mudanças nas salas que tinham posto cadeado e que de duas em duas horas tínhamos que mudar de sala, e pegar a chave na puta-que-o-pariu, no raio que o parta. Aí fui na defesa de

um orientando meu, Felipe Asth, e o pessoal veio de Nova Friburgo, a família dele, para a defesa de mestrado. Daqui a pouco chega a Márcia Moraes com uma turma imensa: “é que deu o horário”. “Como, seu horário?”, retruquei. Fiz um escândalo: “Isso é linha de montagem, é isso que interessa. Vamos ocupar o corredor”. Era a época de ocupa isso, ocupa aquilo, e os pais do Felipe ficaram olhando pra mim. “Vamos terminar essa porra dessa defesa neste corredor, vamos ocupar esse corredor!”. Aí era uma turma enorme que Márcia estava trazendo, e eu disse: “Márcia, não tem nada a ver com você, Márcia. Tem a ver com esse esquema nojento, que vocês se submetem”. E a mãe, o pai e a irmã do Felipe olhando pra mim. Aí fiz uma carta para o diretor do ICHF à época - ainda éramos ICHF, não éramos Instituto de Psicologia.

Como é que ninguém fala nada? Aí não sei quem falou: “Que bom que você falou”. “Mas eu estou aposentada quem tem que falar são vocês, porra!”. Então, às vezes, sou assim abusada demais, sabe? Lembro que era um escândalo, antigamente, quando eu dava supervisão. Quando os funcionários do SPA entravam em greve, eu ia pro SPA, ia dar a supervisão lá. E dizia palavrão, e tinha professor que aparecia lá: “Cecília, vim aqui só pra ver mesmo se você fala palavrão ou não”. Mas sabe essas coisas? Tô cagando. Já cagava naquela época, hoje então... nem sei porque estou falando isso.

Resistência, criação, vítima...

Ah, da questão da criação e resistência. É. Criar é resistir!

Débora Inez Brandão
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense

Larissa Rodrigues
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense

Lais Amado
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense

Alessandra Fernandes
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense

Juliana Cecchetti
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense

Mauro Andrade Silva

436 Débora Inez Brandão; Larissa Rodrigues; Lais Amado; Alessandra Fernandes; Juliana Cecchetti; Mauro Andrade Silva; Tainá Oliveira; Danichi Hausen Mizoguchi.

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense

Tainá Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense

Danichi Hausen Mizoguchi

Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense